

**Peritextos como pontes de leitura:
capa, notas e instâncias prefaciais em edições de *Vidas Secas*¹**

Larissa Taís Ferreira²
Marília de Araujo Barcellos³
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo observar como as notas, as instâncias prefaciais e a primeira capa, enquanto peritextos, realizam um trabalho de adaptação para novos tempos e espaços, ajudando o leitor a adentrar no mundo da obra. A observação é realizada a partir das edições de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, publicadas pelas editoras Antofágica e Principis. A análise é baseada nos conceitos de paratextos de Genette (2009) e de projeto gráfico e design editorial de Araújo (2008) e Samara (2011), além da contextualização sobre o campo editorial, a partir de Thompson (2013) e Bourdieu (1996). Percebe-se que a Antofágica empenha-se em contextualizar o leitor sobre diversos aspectos, tanto textuais quanto históricos, enquanto a Principis, em parte, abstém-se de auxiliar o leitor nessa transição.

Palavra-chave: paratextos; instâncias prefaciais; notas; capa; *Vidas Secas*.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de parte da pesquisa de mestrado da autora, em andamento, que busca explorar as estratégias de uso dos paratextos e do projeto gráfico, por parte de editoras brasileiras, na publicação de livros de domínio público. No recorte que se realiza aqui, observa-se um ponto específico relativo à função dos paratextos: visto a imutabilidade do texto, são esses elementos que trabalham para adaptar o livro para os leitores, em novos tempos e espaços (Genette, 2009). Assim, o que se objetiva explorar neste trabalho é como os paratextos realizam uma função de ponte, de certa forma, entre o leitor e a obra, a fim facilitar a transição desse indivíduo para o mundo da história.

Os paratextos se dividem em peritextos, que se situam no mesmo espaço físico da obra, e epitextos, que são externos ao livro (Genette, 2009). Devido ao limite

¹Trabalho apresentado no GP Produção editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial. Mestranda do Programa de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista do Programa de fortalecimento e redução de assimetrias da pós-graduação da UFSM. E-mail: larissa.ferreira@acad.ufsm.br

³Pesquisadora, professora Associada do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: marilia.barcellos@ufsm.br.

temporal e de extensão do estudo, decidiu-se focar em três peritextos, as instâncias prefaciais, as notas e a primeira capa, pois considerou-se serem os que poderiam melhor evidenciar como as editoras realizam, ou não, essa transição.

Consideram-se os livros de domínio público objetos interessantes para esse tipo de análise, pois são obras que podem ser publicadas por inúmeras editoras em um mesmo momento e, portanto, propiciam a possibilidade de comparação entre diversas edições que abordam um mesmo conteúdo e, desse modo, evidenciam mais claramente as diferentes abordagens dessas editoras em suas publicações.

Que uma obra esteja em domínio público, significa que terminou a vigência da proteção de seus direitos patrimoniais e que ela, então, pode ser explorada comercialmente por qualquer pessoa sem a necessidade de autorização ou pagamento, apenas mantendo os devidos créditos de autoria, Segunda a Lei dos Direitos Autorais brasileira (Lei Nº 9.610/98). *Vidas Secas*, assim como toda a obra de Graciliano Ramos, entrou em domínio público em 2024 e logo nos primeiros meses do ano já foram observadas a publicação de diversas edições desta história, destacando sua relevância para a cultura brasileira.

Metodologicamente, essa investigação é realizada por meio da análise e comparação dos três peritextos mencionados em duas edições da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, uma publicada pela editora Antofágica e a outra pelo selo editorial Principis, parte do grupo Ciranda Cultural. A análise tem como base os preceitos de Genette (2009) sobre paratextos e de Araújo (2008) e Samara (2011) acerca do projeto gráfico e design editorial. Ainda, realiza-se uma contextualização relativa ao campo editorial, a partir de Thompson (2013) e Bourdieu (1996).

CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Thompson (2013) aponta que o campo editorial, a partir dos conceitos de Bourdieu (1996), trata-se de um espaço constituído por agentes e instituições que interagem entre si e cuja posição dentro dessa estrutura é definida pelo nível de poder e recursos que têm à disposição e do qual se utilizam. As estratégias dos agentes, dentro deste campo, vão depender das posições que ocupam e os capitais que possuem (Bourdieu, 1996), ou seja, as escolhas realizadas na construção de um livro são

condicionadas por, além do assunto da obra, as relações da editora com o campo, os demais agentes e o intuito de conseguir acumular ou manter determinados capitais.

Entende-se que os diferentes intuítos e estratégias de editoras em uma publicação podem ser materializados no livro através projeto gráfico e nos paratextos, visto que estes elementos constituem as criações visuais e textuais que a editora adiciona à obra a fim de contextualizá-la e apresentá-la.

Segundo Genette (2009) uma obra literária dificilmente é apresentada sem o acompanhamento de diversas outras produções, como seu título, o nome do autor e, possivelmente, prefácios, posfácios, ilustrações, entre outras — ou seja, paratextos. Estes elementos cercam, prolongam, apresentam, contextualizam e dão forma ao livro, realizando um trabalho de transição e transação, fazendo com que o leitor decida adentrar ou não na história e, caso a decisão seja positiva, direcionando, de certo modo, a leitura (Genette, 2009). Dessa forma, os paratextos são um “lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço [...] de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente” (Genette, 2009, p. 10).

Genette (2009) destaca que o paratexto deve sempre estar a serviço do texto e que é essa funcionalidade que o determina. Um ponto interessante sobre as funções do paratexto é o modo como eles podem construir uma espécie de ponte entre a obra e o leitor, adaptando-a para contextualizá-la a diferentes tempos e espaços.

Para isso, constrói, entre a identidade ideal e relativamente imutável do texto e a realidade empírica (sócio-histórica) de seu público, [...] um estrado que permita ao leitor passar sem muita dificuldade respiratória de um mundo a outro, operação às vezes delicada, principalmente quando o segundo é um mundo de ficção. Sendo imutável, o texto é incapaz por si só de adaptar-se às modificações de seu público, no espaço e no tempo. (Genette, 2009, p. 358).

Desse modo, é interessante observar como uma editora, ao criar uma edição em 2024 de uma obra original de 1938 cuja história é bastante marcada regionalmente, auxilia um leitor de outro tempo e local nessa passagem do seu mundo para o mundo do livro.

Como mencionado, o foco aqui está nas instâncias prefaciais, nas notas e na primeira capa. Para Genette (2009), fazem parte das instâncias prefaciais todos os textos liminares de um livro que realizam uma função a serviço do texto e podem ser tanto precedentes a ele (prefácio, introdução, apresentação, nota, etc), quanto produções que o sucedem (posfácio, epílogo, pós-escrito, remate, etc). Já as notas são enunciados

relativos a um trecho do texto, com o intuito de explicá-lo, contextualizá-lo, traduzi-lo, oferecer fontes, etc (Genette 2009). No caso da capa, além de um peritexto, também é relevante destacar a importância desse elemento para o design da obra, visto que é um componente externo que realiza, em geral, a primeira apresentação do livro para o público, inferindo informações sobre a história (Samara, 2011) e realizando indicações sobre o tipo de obra que ali se encontra (Genette 2009).

Assim, é pertinente discutir o projeto gráfico. Esta parte da produção do livro envolve desde escolhas tipográficas e materiais quanto a criação de uma identidade visual (Araújo, 2008). Segundo Araújo (2008), o design une texto e imagem e adiciona informações, auxiliando na compreensão da obra. Além disso, destaca-se que é o conceito da publicação que deve motivar as escolhas gráficas (Araújo, 2008; Samara, 2011).

Similar a função de adaptação que os paratextos realizam (Genette, 2009), Samara (2011, p. 18) também aponta que “[...] o público identifica-se com o assunto porque a publicação interpreta visualmente o conteúdo para ele, emocional e intelectualmente”, ou seja, as escolhas gráficas também ajudam nessa transposição do leitor de seu universo para o da obra. Fica evidente, desta forma, o valor paratextual dos elementos do design.

ANÁLISE

A edição de *Vidas Secas* da editora Antofágica possui cinco textos prefaciais. O primeiro é a “Nota da edição”, que explica o estabelecimento do manuscrito e cotejamento de pontos imprecisos. A nota explicita que esse trabalho foi realizado a partir de edições anteriores do livro, das editoras José Olympio e Record e com manuscritos do próprio autor presentes no Fundo Graciliano Ramos, do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Essa nota é seguida da “Apresentação” escrita por Djavan, músico brasileiro de grande fama e importância cultural no país. Este texto tem um caráter pessoal e emotivo, escrito em forma de carta endereçada a “Graça”, como o músico se dirige ao autor do livro. A apresentação aborda como a história retratada na obra reflete a realidade de muitos brasileiros, inclusive lembrando Djavan de sua própria vida, além

de realizar um comentário sobre como a seca é um instrumento político e causador de dor. Assim, pode-se pensar que este texto instiga o leitor a realizar uma leitura mais pessoal, ao destacar como a história, apesar de fictícia, é real para muitos brasileiros.

É importante apontar que Djavan é nordestino e, como ele mesmo conta, familiarizado com angústias retratadas na obra, além de ser uma celebridade e, portanto, um nome que chama a atenção do público.

Após o fim da história, a edição traz três posfácios. O primeiro é escrito por Wander Melo Miranda e intitulado “O mundo coberto de penas”, título que faz referência a um capítulo e que também foi título provisório da obra antes da escolha por *Vidas Secas*. Miranda é professor universitário e, como o texto biográfico presente no livro destaca, pesquisador A1 do CNPq, crítico literário e tradutor. O segundo posfácio é intitulado “A miragem da seca” e foi escrito por Stephanie Borges, poeta, tradutora e, como destacado na edição, vencedora de prêmios literários. Já o último posfácio é denominado “A contundência do seco” e é assinado por Silviano Santiago, doutor em letras, professor universitário e também vencedor de prêmios literários.

Todos os posfácios tratam-se de análises críticas literárias de *Vidas Secas* e apresentam em maior ou menor grau considerações sobre a escrita, a linguagem e os personagens, contextualizações sobre a origem da obra e do autor. Além disso, relacionam o livro com questões políticas, sociais e culturais da época de publicação original e da atualidade, como a crise de refugiados, a reforma agrária, o acesso à terra, a exploração do trabalhador rural, entre outros.

Vale destacar a escolha, para a escrita destes textos, por atores contemporâneos com conhecimento literário, artístico ou familiaridade com o assunto e de importância no meio cultural, algo que valoriza o conteúdo intelectual presente na edição. No mesmo sentido, é interessante notar os dados que a edição escolhe informar ao leitor sobre esses prefaciadores, que corroboram sua credibilidade para comentar a obra.

De acordo com os conceitos de Genette (2009), entende-se que as instâncias prefaciais da edição da Antofágica realizam funções distintas: explicam o contexto da escrita da obra e a relação com o momento atual, valorizam o texto, seu assunto, sua relevância, além do trabalho de edição da obra. Ademais, como Genette (2009) aponta, a posição dos textos liminares também não é neutra. Posicionar a apresentação, mais emotiva, no início do texto indica uma estratégia de retenção do leitor e uma intenção de

guiá-lo em uma leitura mais comovente, enquanto os posfácios mais informativos chamam a atenção para aspectos mais técnicos somente após à realização da leitura.

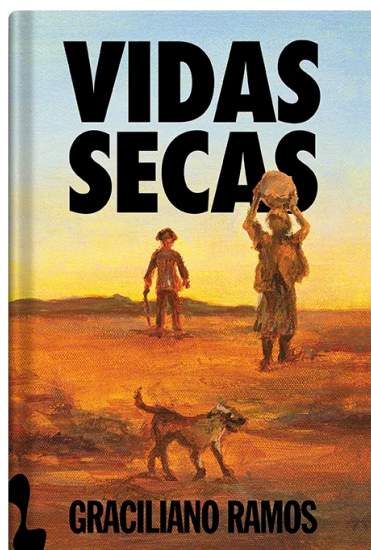
A edição da Antofágica ainda possui 102 notas, também escritas por Wander Melo Miranda. A maioria delas contém explicações de expressões presentes no texto, que podem ser consideradas antigas ou regionais, como “sinha”, “cambaio” e “aió”, por exemplo, logo na primeira página do texto. Há, entretanto, quatro notas que discorrem sobre o que o autor intencionou dizer em determinados trechos, diálogos ou com o uso de certos tempos verbais.

As notas, de maneira bastante prática, em concordância com as possíveis funções apontadas por Genette (2009), explicam determinados aspectos do texto, especialmente a linguagem, para o leitor, de modo a facilitar a leitura de alguém que pode não estar familiarizado com os termos utilizados.

Quanto à capa (Figura 1), notam-se cores predominantemente quentes e uma ilustração que remetem ao sertão desértico. A imagem retrata uma cena do primeiro capítulo onde os personagens Fabiano, Sinha Vitória e a cachorra Baleia, centralizada na composição, atravessam o sertão em fuga da seca. A ilustração trata-se de uma pintura com um estilo mais “solto”, que destaca as pinceladas e a textura da tela, trazendo uma sensação intimista. Os contornos indefinidos também lembram distorções de visão causadas pelo calor. Apesar da cena sofrida, as cores da capa são vivas, sendo, assim, a tipografia ereta, sólida, uniforme e em preto que traz uma sobriedade. O título da obra ganha maior destaque que o nome do autor, localizado no topo da capa e ocupando cerca de um terço do espaço, enquanto o nome de Graciliano localiza-se na parte de baixo, em menor escala.

Neste elemento, pode-se observar a valorização de aspectos marcantes e famosos da história: o título, visto que *Vidas Secas* é obra mais conhecida de Graciliano e, talvez, o motivo pelo qual a maioria das pessoas conhece o autor; o sertão, visto que o ponto central da história é a fuga da seca nessa região; e a cachorra Baleia, provavelmente a personagem mais lembrada da obra. De certa forma, recorrendo a um recurso de familiaridade.

Figura 1 - Capa da edição da editora Antofágica de *Vidas Secas*



Fonte: Site da editora Antofágica (2024).

Já na edição da Principis, não há uso das instâncias prefaciais — não há apresentação, introdução, prefácios ou posfácios nem nenhum outro texto liminar — nem notas. Quanto à capa (Figura 2), sua cor predominante é o vermelho, cor quente, que remete ao calor do sertão. Há uma ilustração em preto e vermelho mais claro que a cor de fundo, que retrata a cachorra Baleia e elementos que remetem ao deserto, como galhos de árvores secas. O estilo da ilustração remete a xilogravura, arte muito relacionada com a região nordeste.

Figura 2 - Capa da edição da editora Principis de *Vidas Secas*



Fonte: Site do grupo editorial Ciranda Cultural (2024).

O nome do autor ganha maior destaque do que o título da obra, estando em letras maiores que ocupam cerca de um terço do espaço e localizado no topo da capa, em amarelo. A fonte utilizada é decorativa, sem serifas, e possui alguns elementos de contorno que remetem, também, à xilogravura, como se as letras tivessem sido entalhadas. Já o título da obra aparece em fonte menor, branca, também decorativa, que lembra algo escrito com giz. Está localizado logo abaixo do nome de Graciliano Ramos, levemente acima do ponto central da capa. Abaixo do nome do autor e do título encontra-se a ilustração. Além disso, na parte inferior da capa, centralizada, encontra-se a marca da editora.

CONSIDERAÇÕES

É claro que estes poucos elementos paratextuais observados não representam a obra como um todo, mas são um recorte que explicitam alguns aspectos das estratégias paratextuais e gráficas dessas editoras na publicação de suas edições. A partir da análise, evidencia-se como, mesmo a partir de um mesmo conteúdo, as editoras podem construir edições distintas, que buscam, a partir de seu aspecto gráfico e paratextos, cumprir diferentes funções. Entende-se que, como mencionado, estas escolhas estão relacionadas com a relação das editoras dentro do campo editorial, os recursos que têm à disposição e as posições que desejam atingir a partir do acúmulo ou manutenção de capitais (Bourdieu, 1996; Thompson, 2013).

A Antofágica aposta na valorização do conteúdo intelectual e dos recursos humanos e sociais dos quais dispõe. Isso fica evidente no modo como apresenta a obra, nas produções que adiciona a ela e no pessoal que a editora traz para realizar essa produção. Enquanto a Principis, parece apostar na economia de recursos financeiros, visto que a ausência de prefácios e notas implica em uma redução de páginas — o que também pode ser interessante para conquistar o público.

Quanto às capas, ambas as obras, apesar das abordagens bem distintas, apresentam projetos gráficos que são coerentes com o conteúdo (Araújo, 2008), ao realizarem indicações sobre os elementos da história ou da região onde ela transcorre, inclusive centralizando a mesma personagem, Baleia, e evidenciando o sertão. As edições diferem na escolha da informação que decidem acentuar, a Antofágica opta por

ressaltar o título da obra, enquanto a *Principis* dá maior destaque para o nome do autor. Entende-se que estes são caminhos distintos tomados com o objetivo comum de chamar a atenção do público.

Em relação às instâncias prefaciais e às notas, entretanto, o cenário é diferente. Pode-se perceber que a edição da *Antofágica* realiza um trabalho mais extenso para auxiliar na travessia do leitor “de um mundo a outro” (Genette, 2009, p. 358), nos peritextos analisados: eles contextualizam a origem da obra e do autor, oferecem explicações de termos, contextos e escolhas linguísticas, além de relacionar de modo claro como o conteúdo da obra, mesmo sendo produzido no século passado, ainda se relaciona com questões importantes e atuais.

Em comparação com a edição da *Antofágica*, é nítido que a edição do selo editorial *Principis* não realiza um trabalho tão extenso de apresentação ou contextualização. Talvez essas funções sejam desempenhadas por paratextos que não observamos neste trabalho, mas quanto às instâncias prefaciais e notas, devido a sua ausência, constata-se uma abstenção da editoria em auxiliar o leitor nessa transição entre mundos. Pode-se pensar, também, que a editora espera que a fama da obra fale por si mesma.

A partir da análise foi possível observar como as escolhas realizadas acerca da produção de peritextos dos livros é um indicativo do quanto as editoras decidem investir em auxiliar o leitor em seu encontro com o universo da obra. Acredita-se que é relevante a exploração das estratégias de diferenciação de editoras dentro do campo editorial, a fim de poder visualizar as maneiras em que é possível oferecer experiências distintas ao público leitor partindo de um mesmo conteúdo.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL — Instituto Nacional do Livro, 1986.

BRASIL. Lei Nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998. **Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm. Acesso em: 8 jun. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 432 p.

GENETTE, Gerard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SAMARA, Timothy. **Guia de design editorial**: manual prático para o design de publicações. Porto Alegre: Bookman, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2024.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Jandira, SP: Principis, 2024.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VIDAS Secas. **Antofágica**, 2024. Disponível em:
<https://www.antofagica.com.br/produto/vidas-secas/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

VIDAS Secas. **Grupo Ciranda Cultural**, 2024. Disponível em:
<https://www.cirandacultural.com.br/produto/vidas-secas-74848>. Acesso em: 20 jun. 2025.